

23-3-60 - 06/060

62

A CRÔNICA de Rubem Braga

DESOLAÇÃO CAPIXABA

CHEGA um amigo do Espírito Santo, e me conta a desolação que anda por lá. Passaram os momentos de pânico da inundação que os jornais noticiam com destaque pelo seu choque dramático, como o caso da tromba d'água que matou 45 dos 47 habitantes de um lugarejo, e o arrasou completamente. As águas baixaram e, felizmente, os recursos mandados pelo Ministério da Saúde chegaram a tempo de prevenir surtos de doenças. Mas ficou a miséria.

Em muitas cidades as usinas elétricas foram destruídas; outras localidades estão sem água e sem luz, mais de cem pontes foram arrastadas, e as estradas continuam interrompidas. O Estado, que mal começava a se recuperar de um governo que foi uma calamidade financeira, gastou todos os seus recursos, nos socorros imediatos; as lavouras foram arrasadas, perderam-se cafézais, 60 por cento das plantações de arroz desapareceram, o milho e o feijão, que prometiam uma safra boa, estão faltando.

Vi muitas fotografias; em algumas, milhares de pessoas recolhidas a igrejas ou escolas, andrajosas, recebendo pratos de comida. Em Vila Velha e em outros lugares perto de Vitória ainda houve, como uma bênção no meio à desgraça, a ajuda dos homens do Exército e da Marinha; nos municípios distantes, insulados pelo desastre, apenas o pobre socorre o miserável. Das fotos, a que mais me impressionou foi a de um pequeno sítio tão típico da lavoura capixaba, em que tudo foi afogado pelas águas — a casa, o terreiro, o moinho, a criação, a lavoura; só ficaram alguns cafeeiros no alto do morro... É esta gente totalmente arruinada e ainda por cima sem transporte que sofre mais. Muito mais que os trabalhadores e biscateiros dos bairros pobres das cidades maiores, que ainda têm ali perto alguém que os ajude.

Os 300 milhões que o governo do Espírito Santo está pedindo ao Governo Federal — seja auxílio, seja empréstimo, seja como for — não são apenas necessários, são necessários com urgência. Confiemos em que o Governador Lindemberg os aplique com justiça e humanidade, sem qualquer consideração de política, e se lembre sobretudo desses colonos, desses sitiados e pequenos fazendeiros que são o esteio e a resistência da modesta economia do Espírito Santo e que hoje, desolados, contemplam o fruto de todos seus esforços e de toda sua vida perdido na lama das enxurradas.

Nunca meu Estado sofreu uma desgraça tão grande; esperemos todos que o Governo Federal lhe dê um instante de atenção e não lhe negue nem demore essa ajuda afinal de contas modesta, mas imprescindível à sua recuperação.